

PER^RO

Aventura Histórica, Ação

Gabriel Boere

gboerecontato@gmail.com
gabrielboere.com

2023

1. EXT. FRONTEIRA BRASPAR. NOITE.

O céu estrelado desliza acima, de forma a indicar que se vê da perspectiva de um cadáver arrastado pelo chão. Duas VOZES conversam entre si. A primeira, MANOLO, fala com um sotaque paraguaio. A segunda, VAS, é mato-grossense.

MANOLO

Que achas? Que podemos enterrá-lo?

Vas fica em silêncio e pivota preguiçosamente sobre os pés.

VAS

Já. Olha ali.

MANOLO

(lendo com dificuldade)

"PRANTOS..." "PRANTOS E..."

VAS

Tá escrito "FRONTEIRA".

MANOLO

Vale, pois era o que falava:
estamos em Paraguai.

Eles escavam o chão com pás. Os olhos do defunto piscam e o som se turva.

2. EXT. FRONTEIRA BRASPAR. MINUTOS DEPOIS.

Quando o suposto falecido recobra a consciência, Vas e Manolo arfam com o esforço.

VAS

Vamos, não dá morrer na praia, não.
Me ajuda a carregar o presunto.

MANOLO

(murmurando)

"Morris en la playa", no, no, no.

Eles puxam o defunto pelos pés e ficam cara-a-cara com ele. Manolo é um velho bronzeado com olhos vermelhos, seu bigode preto separa o rosto em dois e combina com as rugas fundas que marcam a pele. Ele veste uma camisa xadrez surrada, com as mangas dobradas, calças e botas pretas. Sobre a cabeça, ele carrega um chapéu de vaqueiro preto. Vas é um guarani baixinho e gordinho, que veste um chapéu coco verde, camisa listrada sob um poncho paraguaio vinho, calças marrons e botas pretas.

Manolo escancara a boca, assustado, revelando duas longas presas superiores.

MANOLO

Chake, Vas! Todavía está vivo!

VAS

Hum?

(para o defunto)

Ah, aproveitando os últimos momentos de vida, "pa'i"? Ha! Ha! Infelizmente, a gente tá com pressa.

Vas joga terra nos olhos do defunto.

3. EXT. FRONTEIRA BRASPAR. MEIO-DIA.

Terceira pessoa de agora em diante.

"Pa'i" acorda com uma VELHINHA guarani rezando perto dele. Ele veste uma batina, empapada de sangue, o colarinho clerical está manchado pela metade de vermelho. O padre é alto e magro, tem cabelo preto e arrumado, e barba feita. A velinha, que se veste em panos coloridos e segura um terço, colocara o homem sobre um colchão velho e acendera uma fogueira ao seu lado, sobre a qual cozinha alguma coisa num caldeirão.

A velinha percebe que ele acordou e se agacha ao seu lado.

VELINHA

Sancta Virgen de Caacupé, por fin te has despertado. Gracias a Dios. Que pasó, pa'i? Como te llamas?

O padre se senta com muita dor. Tosse e responde com um sotaque brasileiro.

PERO

*No recuerdo... Me chamo Pero.
"Perro" me llamo, comprendes?*

A velinha gargalha e faz a cruz sobre si mesma.

VELINHA

Pa'i! Dissistes que se chamas "cão".

PERO

Que?

Ele ri, mas isso faz com que ele tussa de dor.

VELINHA

Calma-te. Deita, deita.

Ele obedece.

PERO
"Perro"! Ha! Ha!

4. INT. CABANA. NOITE.

Chove. Um raio delinea a silhueta, à porta, de um homem velho, vestido num sobretudo e chapéu de vaqueiro marrons. Ele segura uma espingarda, adornada com um rosário, com uma das mãos. O vento balança a sua cabeleira branca seca como palha. Ele fecha a porta atrás de si. É um padre Pero envelhecido, ele ainda veste o colarinho clerical manchado.

Ele olha de um lado ao outro da cabana: ela está revirada, mas não há sinal de vida. Ele tranca a porta e se escora nela, tentando escutar algo.

No silêncio, as memórias voltam para ele como vozes ecoando. Ao passo que se lembra do que aconteceu, ele escorrega pela parede até se sentar. Hiperventila sem piscar, com as mãos na cabeça.

NETO (VOICE OVER)
Já estás recuperado, pa'i? Donde moras? Vovó pediu para que o levasse até lá.

PERO (VOICE OVER)
Em Santa Margarete, não é longe daqui.

NETO (VOICE OVER)
Santa Margarete? Mas, pa'i...

PERO (VOICE OVER)
O que foi?

Um trovão tira a sua atenção da lembrança. Ele nota algo que estava, até então, escondido no escuro: um caixão fechado, velho, sem marcas, ao centro da sala.

Pero faz a menção de se levantar, mas hesita para botar o ouvido na porta e, depois de um momento, ele segura forte a espingarda e se aproxima com cuidado do caixão.

PERO (VOICE OVER)
Deus! Não, não, não. Meu Deus, por quê?!

Ele abre o caixão: é Manolo num sono profundo.

5. EXT. SANTA MARGARETE. DIA. FLASHBACK.

Sobre um morro de terra pálida, Pero e Neto avistam o que sobrou do vilarejo de Santa Margarete: uma igreja queimada circundada por casebres de madeira destruídos. As ruas estão banhadas de sangue e cobertas por corpos. Todas as cruzes à vista estão quebradas.

O padre se ajoelha, Neto, de pé, tenta consolá-lo apertando-lhe o ombro.

PERO

Deus! Não, não, não. Meu Deus, por quê?!

NETO

Los brucolacos, não? Foram eles que te pegaram, pa'i.

6. INT. CABANA. NOITE.

De volta à cena antes do flashback.

NETO (VOICE OVER)

Mas por que não tomaram tua sangue?

Pero estende a mão e encosta na testa de Manolo. O corpo do vampiro convulsiona e seca, como se o padre absorvesse a sua vitalidade.

Alguém tenta arrombar a porta com um chute. Pero olha para o barulho e retorna a atenção à operação que realiza. Fecha os olhos e reza baixinho para que seja ágil.

Outro chute. Pero abre os olhos e retira a mão. Manolo se tornou um cadáver seco, olhos fundos e ossos protuberantes por debaixo da pele. Não há um sinal restante de gordura ou músculo em seu corpo.

A porta abre com um baque. Um vulto familiar, de olhos vermelhos, está à porta. É Vas.

VAS

Você!

Pero se vira para enfrentá-lo e aponta-lhe a espingarda.

7. TÍTULO.

Tela preta. Letras garrafais em vermelho.

PERO

FADE TO BLACK